

PMS FMLF GERIN	
BIBLIOTECA	
Jornal	
A SAÍDA	
Data	
05/09/98	
Caderno	Página
1.º	06
Seção	
LOCAL	
Assunto	
Bairro	

SEU BAIRRO

Passado resiste em mansões da Vitória

Patrícia Moreira

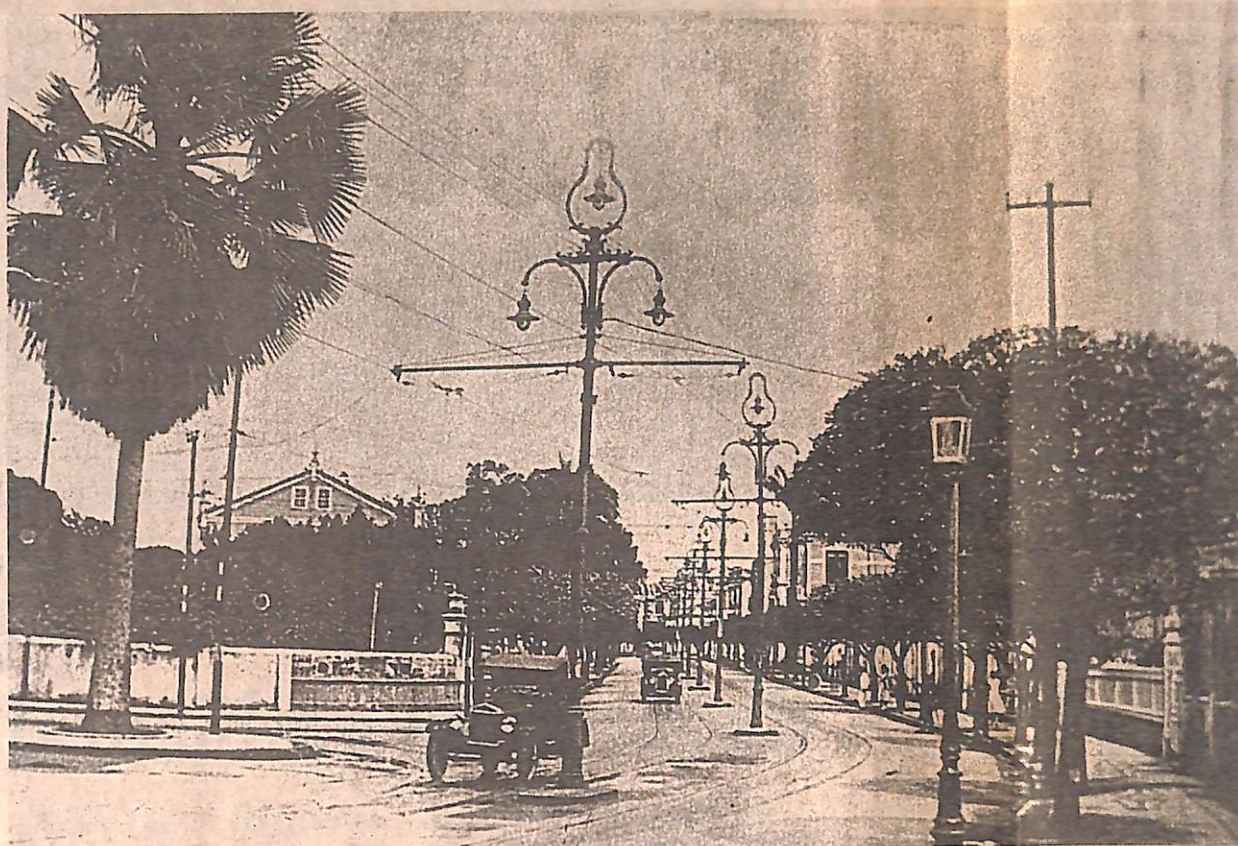
Quando o Centro Histórico de Salvador começou a entrar em decadência, no século XIX, passando a ser ocupado por famílias de artesãos, pequenos comerciantes e escravos libertos, iniciou-se o processo de esvaziamento por parte das famílias mais abastadas da época. A nova moradia dos nobres, senhores de engenho, grandes comerciantes e traficantes de escravos, ganhou como endereço o local hoje conhecido como Corredor da Vitória. Ali, longe da insalubridade do centro da cidade, onde não havia praticamente nenhuma infraestrutura sanitária, as grandes famílias ergueram majestosos palacetes cercados de árvores frondosas, tendo como paisagem principal a vista magnífica da Baía de Todos os Santos.

Surgiu assim o tradicional bairro que conhecemos hoje, antigo caminho que ligava o centro da cidade à Barra, por onde, segundo o jornalista Jorge Calmon, proprietário de uma das últimas mansões que resistiram à força da especulação imobiliária, três jovens baianos, Simões Filho, Otávio Mangabeira e Pedro Seixas costumavam passar, vindos do Campo da Pólvora, cumprimentando as famílias residentes no local.

Primeiro núcleo

Segundo conta Ana Amélia Vieira Nascimento, em *Dez freguesias da cidade do Salvador*, desde a segunda metade do século XIX a Vitória passou a ser moradia de cônsules e negociantes prósperos, nacionais e estrangeiros, sendo a preferida de alemães e ingleses que vieram se estabelecer na Bahia. Na mesma publicação, a pesquisadora atesta que a Freguesia de Nossa Senhora da Vitória data do início do bispado de dom Pero Fernandes Sardinha, em 1561, e que, afastada do centro da cidade, foi a localidade que recebeu o primeiro núcleo de povoadores da Bahia, consequentemente do Brasil. Entenda-se, no entanto, por Freguesia da Vitória, não somente o Corredor da Vitória, mas ainda a Graça e a Barra.

Registros históricos revelam ainda que a Igreja da Vitória é uma das mais antigas edificações religiosas do Brasil. No interior da igreja, podem ser encontradas inscrições datadas do século XVI. O templo da Vitória teria sido construído por Dom Pero Fernandes Sardinha em 1552. As obras teriam sido concluídas em 1666. A igreja pode ter sido a primeira erguida em Salvador – embora a da Graça e a da Ajuda também sejam citadas – e uma evidência seria o fato de que muitos dos primeiros povoadores do Brasil estejam enterrados lá, o que se verifica pelas inscrições nas lápides.



O bucolismo da década de 20 cedeu lugar à agitação dos dias de hoje, mas o Corredor da Vitória ainda agrada aos seus moradores.

Apesar de ter perdido as características que o tornaram famoso no passado e de, do tempo do fausto, restarem apenas alguns exemplares arquitetônicos, o Corredor da Vitória não deixa de ser um dos bairros mais elegantes da cidade. Ao lado das últimas mansões, testemunhas de um passado que foi engolido por uma arquitetura de arranha-céus, os moradores podem se orgulhar de viver num dos bairros mais centrais da cidade, que desfruta do privilégio também de ser um dos pontos culturais mais efervescentes da capital.

Arte e lazer

Além do Museu Carlos Costa Pinto, Museu Geológico da Bahia, Museu de Arte da Bahia, a Vitória dispõe ainda do espaço cultural Sophia Costa Pinto, das salas de espetáculo do Instituto Cultural Brasil-Alemanha e da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos, que, junto com o UEC, também são os principais cursos de línguas instalados no bairro. No espaço de uma avenida reta, margeada por árvores nas duas laterais, sobra espaço ainda para abrigar escolas – Colégios Odorico Tavares e Apoio – restaurantes, repartições públicas e representações da Justiça. Na área de serviços, a Vitória também é muito bem-servida, contando com farmácias, delicatessens e lojas.

Foto: Antônio Saturnino



Nas transversais, surpresas, como pequenas "avenidas" e barzinhos



Conto da desvalorização fez muitas vítimas

nheiro Norberto Odebrecht.

O palacete, cujo terreno avançava cerca de quatro metros em direção à rua – o corte foi feito durante o segundo governo de J.J. Seabra, quando da abertura da Avenida Sete –, tem como curiosidades arquitetônicas, no térreo, forros em estilos diferentes feitos em estuque, uma sala de visitas que conserva pinturas originais assemelhadas a papéis de parede e uma escada, que foi colocada no local por Vilobaldo Campos, morador da residência nos anos 30, quando ele esperava pela visita do presidente Getúlio Vargas, que acabou não se hospedando no local.

Segundo Jorge Calmon, que acompanhou de perto a evolução do bairro, "houve um tempo em que os portões andavam abertos, depois foi preciso fechá-los e, finalmente, hoje nós somos obrigados a colocar um cadeado". Para ele, o principal aspecto positivo de poder morar na Vitória é abrir as janelas da casa e se deparar com uma vista belíssima da Baía de Todos os Santos, tendo ao fundo a Ilha de Itaparica. "É como se tivesse um quadro diante dos olhos". No passado, a vista também já foi um pouco mais ampla, mas, apesar dos dois prédios que "emolduram" a paisagem nas laterais, o quadro se mantém intocável. A convivência com os imensos blocos de concreto que lhe fazem vizinhança é, pelo menos, pacífica. "É uma tendência inevitável, é a fuga pela segurança. As pessoas passam a viver atrás das grades, com porteiros e guaritas".

Tráfego sempre foi maior problema

De uma forma geral, os moradores não têm muitas queixas em relação ao bairro. Há necessidade de se melhorar a iluminação da avenida, recuperar as calçadas, instalar sinalizadores para garantir mais segurança aos pedestres, reduzir o tráfego de ônibus de forma a melhorar o tráfego no local, um dos mais caóticos da cidade nos horários de pique. Um problema praticamente insolúvel é, no entanto, a falta de estacionamento, que é agravado pelo fato de no bairro existirem várias escolas e equipamentos culturais que atraem grande público.

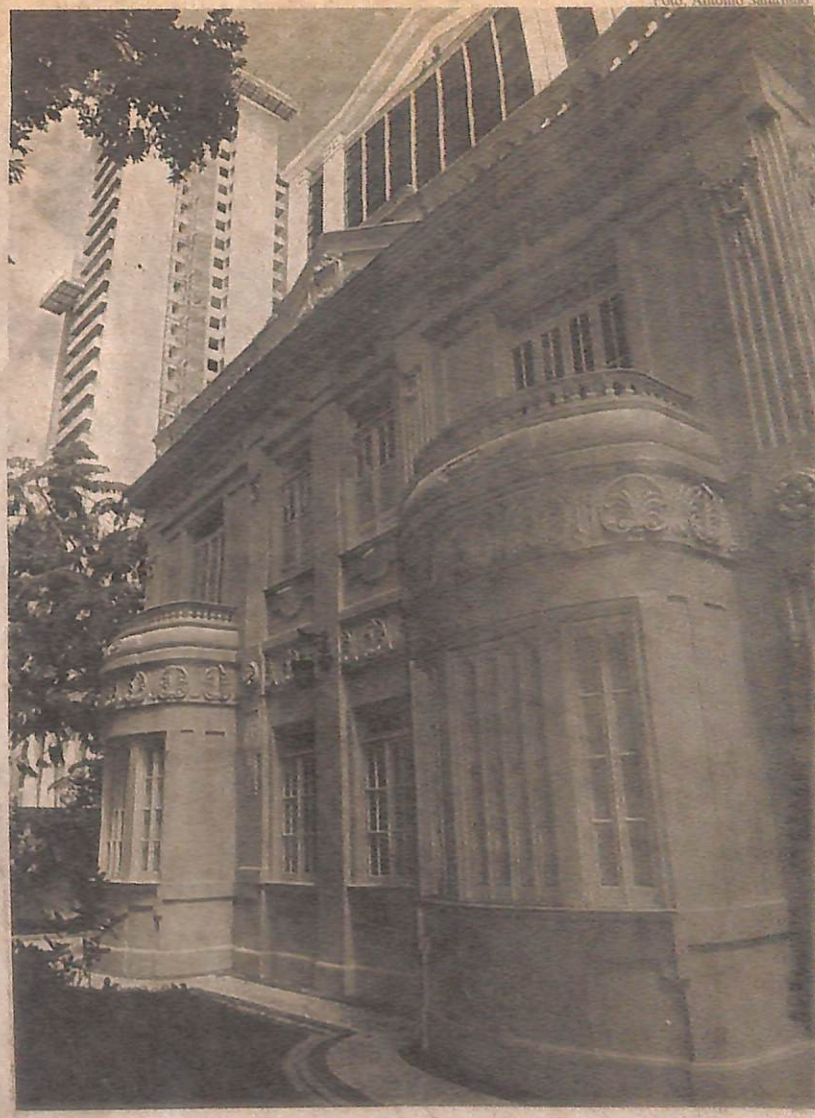
Considerando outros bairros de Salvador, os problemas da Vitória são de fácil solução. A exceção fica para a questão do tráfego, que, desde a década de 70, vem gerando queixas. Na época, a maioria dos prédios que hoje dominam a avenida nem sequer havia sido construí-

da e já se falava em caos em razão do aumento do fluxo populacional provocado pela verticalização do bairro. Muita coisa vem melhorando, no entanto, graças à atuação da Associação dos Moradores e Amigos do Campo Grande, Canelã e Vitória (Ascavi).

A segurança no bairro foi reforçada, diminuindo a incidência de assaltos. As calçadas vêm sendo recuperadas aos poucos, as barracas de zinco que tomavam os passeios foram retiradas e até o próximo ano a prefeitura assegurou aos representantes da Ascavi que vão realizar melhorias no bairro, substituindo a atual iluminação e recuperando as calçadas.

Jordes Simões de Lemos, 24 anos, estudante de Odontologia da Universidade Federal da Bahia, mora há três anos e meio na Vitória, na Residência Universitária. Para ele a principal vantagem de morar ali, além do fato de estar perto da faculdade – sua família vive em Simões Filho –, é a proximidade da praia, bastando descer a Ladeira da Barra.

Lina Carolina Rosa Machado destaca, além da vista que tem da janela de seu apartamento, onde vive há oito anos, o fato de poder ter, num mesmo lugar, a escola para a filha, o curso de línguas e ainda um acesso fácil para outros bairros de Salvador.



Jorge Calmon não acreditou na desvalorização e conservou sua bela casa